

PENTAGRAMA

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta.

Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, consegue permanecer no caminho da transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar esta revolução espiritual em seu próprio interior.

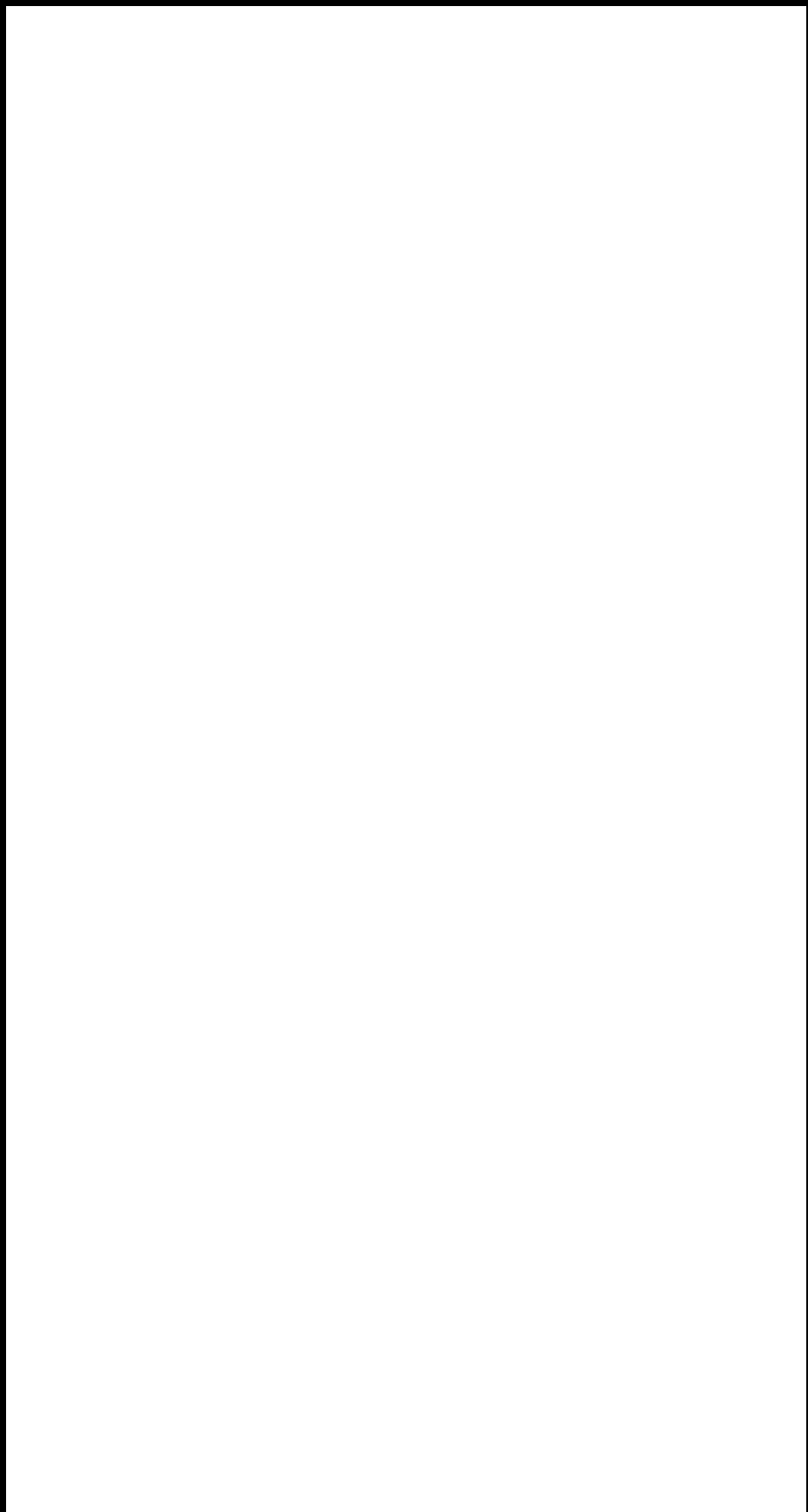
ÍNDICE:

- 3 FRANCO-MAÇONARIA DA PEDRA ANGULAR DA ROSACRUZ
- 8 REFLEXÃO SOBRE COISAS ESSENCIAIS E ELEVAÇÃO DA ALMA
- 14 NINGUÉM VIU O QUE IA ACONTECER?
- 18 “E EIS QUE ESTÁ AQUI QUEM É MAIS DO QUE SALOMÃO”
- 27 ENCONTRO COM O ESPÍRITO DIVINO ATRAVÉS DA NATUREZA
- 28 “FICA EM SILÊNCIO E COMPREENDERÁS”
- 30 O QUE OS ROSA-CRUZES ENTENDEM POR...
- 32 SOFRIMENTO DA CONSCIÊNCIA FRAGMENTADA
- 37 SOBRE A FELICIDADE

1998

ANO VINTE

NÚMERO 3



FRANCO-MAÇONARIA DA PEDRA ANGULAR DA ROSACRUZ

Muitos, com o passar dos séculos, se empenharam em buscar, na terra, a salvação e a libertação de suas almas. Muitos ainda buscam, mas somente um pequeno número consegue encontrar! Na verdade, são raros os que chegam a perfurar a fonte de onde corre a água Viva neste mundo perdido.

É normal que este número seja reduzido, pois, para descobrir o princípio vital divino, é preciso que os olhos se abram para perceber a vaidade e a auto-suficiência dos homens, e para aprender a discernir o lamentável engano por trás da fachada. E, principalmente, é preciso compreender que a paz da alma e sua salvação somente podem estabelecer-se sobre uma vida que nada tem em comum com a existência que provém da natureza dialética. Para que o amor pela Sabedoria seja despertado na alma que busca, os servidores das escolas de mistérios vêm-se esforçando há séculos, de todas as maneiras possíveis, para fazer com que os que buscam a libertação possam sair do poço do sofrimento e sejam guiados para uma nova vida, para uma nova luz.

No momento atual, vivemos em uma época extremamente crítica, e a Escola dos Mistérios da Rosacruz áurea novamente levanta sua voz para fazer com que os homens compreendam a necessidade de construir juntos, de acordo com o plano divino, na qualidade de livres construtores, pedras-vivas de construção.

Um campo de vida ganha muito mais valor se for realizado pelos próprios

homens. A fim de apoiar e esclarecer este assunto, pedimos especialmente vossa atenção para a franco-maçonaria da Pedra Angular da Rosacruz áurea, que é tão antiga quanto a própria humanidade dialética e nasceu diretamente dos Mistérios divinos. Estes últimos, de fato, sempre tiveram como objetivo fazer com que o homem pudesse sair da decadência da vida inferior, para elevá-lo até a luz original. Daí se deduz que a franco-maçonaria original jamais teve como objetivo desenvolver uma ética e uma sociedade convencionais, ou seja, o humanitarismo. Em outras palavras, ela jamais visou desenvolver uma cultura no plano horizontal. A verdadeira franco-maçonaria sempre foi (e ainda é) um método que permite ao homem decaído, que tem a aparência que hoje temos, recuperar sua glória passada. Para quem percorre este caminho, é imprescindível levar uma vida moral e social elevada, assim como cultivar o amor ao próximo.

A franco-maçonaria original parte do princípio que nem a religião, nem a ciência, nem a prática de uma forma qualquer de bondade permitem a um ser humano tornar-se um verdadeiro homem, e que isto somente é possível graças a uma construção absolutamente nova, edificada de baixo para cima, sobre as ruínas da antiga construção. Já descrevemos muitas vezes este processo de neutralização do sistema vital terrestre pelo qual o ser nascido da natureza deve passar a fim de que seu sistema vital celeste possa manifestar-se. Em consequência disto, toda a prática ou tentativa religiosa, científica ou humanitária associada às antigas construções, e portanto fundamentada sobre

“O justo crescerá como a palmeira, crescerá como o cedro do Líbano” (Salmo 92:12). Commentarius in Apocalypsin, manuscrito espanhol, 975 d.C.

a ordem do mundo dialético, continua, sem exceção, sendo negativa. E assim continuará sendo!

LEIS DA POLARIZAÇÃO INVERSA

Talvez não seja demais ressaltar que a franco-maçonaria, da qual estamos falando, admite tanto mulheres como homens: e, se tendes uma compreensão correta das coisas, imaginai que eles tomam parte na regeneração em condição de perfeita igualdade. Quando Paulo fala da graça que a mulher recebe do homem, ele não está baseando-se, com certeza, no Antigo Testamento: ele está visando a exata colaboração entre os dois sexos, de acordo com a lei da polarização inversa, sem nenhuma referência à religião hebraica que indica uma posição muito secundária às mulheres. Como prova, citemos um texto de um antigo irmão da Ordem Rosa-Cruz, Dr. Sigismund Bacstroem, em que ele explica: *“Não há nenhuma separação entre os sexos no mundo espiritual. Nem entre os anjos celestes, nem entre os espíritos racionais e imortais do gênero humano; além disto, foi uma mulher que tornou possível a salvação da humanidade. E, como a beatitude é concedida tanto ao sexo feminino quanto ao masculino, nossa Fraternidade não exclui da iniciação nenhuma mulher que seja digna dela, pois o próprio Deus não excluiu a mulher de ventura que está por vir na nova vida”*.

Afirmamos, com toda a certeza, que a franco-maçonaria que se baseia nas religiões tradicionais cai neste impasse, inexoravelmente. A franco-maçonaria baseada na ciência sofre o mesmo destino e a que se entrega à filantropia corre em direção à completa esclerose. A verdadeira franco-maçonaria transcende tudo isto porque ela provém da Doutrina Universal, de tudo o que era a realidade do gênero humano original.

O Dr. Sigismund Bacstroem foi admitido pelo conde de Chazal na Ordem da Rosa-Cruz, em 12 de setembro de 1794, na ilha Maurício. O relato da cerimônia faz parte do Diploma de Bacstroem, documento sobre o qual foi aposto um selo que representa um homem em um círculo em que estão inscritos um triângulo e um quadrado.

Para imaginá-lo de maneira correta, é preciso compreender o que é ou não é uma religião natural. Trata-se, na realidade, de um conjunto de sentimentos religiosos mais ou menos apoiados em elementos intelectuais. No decorrer da história do mundo, surgiu uma enorme quantidade de sistemas religiosos com inúmeras subdivisões.

Nos últimos séculos, inúmeras igrejas e seitas discutem infundavelmente sobre o que é preciso entender verdadeiramente por cristianismo. E, apesar de todos os esforços, é muito difícil estabelecer qual fator seria o traço de união entre elas; isto necessitaria ainda de muitas conferências internacionais, o que mostra claramente que o verdadeiro cristianismo não é conhecido, que estas religiões possuem somente alguns aspectos e conceitos sobre ele. Eis por que a franco-maçonaria que se baseia em um sistema religioso qualquer não pode ser uma franco-maçonaria, no sentido superior do termo.

A franco-maçonaria conhecida na Europa e na América é baseada em rituais, símbolos e em uma magia que provém da religião judaica. A ciência atual nasceu de imperiosas necessidades da vida dialética. É uma atividade intelectual que se apóia em hipóteses e experiências; em conseqüência, ela deve seguir seu curso sem deixar, por

isso, de experimentar fracassos e passos em falso. A franco-maçonaria que se baseia nesta ciência jamais será livre. O humanitarismo, tal como o conhecemos, é uma filantropia engendrada pela compreensão das realidades materiais da existência dialética; mas o que um grupo qualifica de “bom” e de “humano” não é aceito por outro grupo. Assim, percebeis que é impossível encontrar o bem absoluto deste modo. No máximo, podemos desenvolver alguns princípios determinados durante um certo tempo, mas logo em seguida, irão trazendo com eles, desesperadamente, seus efeitos contrários.

Quando percebemos isto, podemos penetrar a própria essência da verdadeira franco-maçonaria, e a razão pela qual a roda gira, infinitamente. Como pedra angular de sua construção, a verdadeira franco-maçonaria deve escolher para si um valor, uma força que sejam superiores aos rituais e conceitos das religiões tradicionais: e este valor e esta força são absolutamente independentes da ciência experimental e das normas do bem inerentes à humanidade comum. Nas sagradas escrituras, esta franco-maçonaria se caracteriza pela escolha, pela posse de uma Pedra Viva. Trata-se da escolha de um valor e de uma força que, sem interferência de ninguém, se revelam total e livremente ao aluno e companheiro construtor.

ULTRAPASSAR TODOS OS LIMITES E AUTORIDADES

Compreendeis, assim, que tipo de perspectiva é aberta por uma franco-maçonaria sem limitação e sem submissão a uma autoridade qualquer. Trata-se, portanto, de uma construção livre e pessoal, edificada com pedras vivas, da qual faz parte todo o sistema vital. É uma obra que tem como fundamento e objetivo o “Ser Absoluto”, Jesus Cristo. Este “Oriente”, este “nascer do sol na Auro-

ra”, não permite que se dê à franco-maçonaria interpretações divergentes.

O verdadeiro franco-maçom não rejeitará, portanto, esta Pedra Angular viva; ele não pode fazer isto porque sabe que ela fará dele um homem “renascido”. Ele sabe que a Sabedoria divina, oculta na Pedra, a Verdade fundamental, possui uma força capaz de abater todos os obstáculos dialéticos.

É por isso que há uma tarefa única a ser cumprida: aquela sobre a qual Pedro fala em sua Primeira Epístola (2:5) *“E vós mesmos, como pedras vivas, edificai-vos para formar uma casa espiritual, um santo sacerdócio, a fim de oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo”*. Quando começamos esta livre construção como franco-maçom, possuímos a preciosa Pedra Angular que, para todos aqueles que a desejam, desce do céu como desceu a pedra negra da Ka’ba.

A franco-maçonaria da Pedra Angular

Representação bíblica dos quatro rios que afluem do trono de Deus.

afirma que ela está em ligação com o Reino Original da Luz, e sua atividade tem como objetivo único fazer com que o homem decaído retorne a este Reino da Luz. Para este fim, o candidato deve construir, ele mesmo, uma morada espiritual, na qualidade de companheiro construtor. Ele deve edificar uma nova personalidade quádrupla, absolutamente de acordo com o tríplice princípio fundamental da consciência do homem celeste.

Certamente sabeis que o antigo símbolo do homem é uma “pedra”, que pode manifestar-se no universo de modo sétuplo, o que explica que a antiga sabedoria falava da “pedra de sete olhos”. Compreendeis que se trata aqui do homem em sua manifestação espiritual sétupla. A “pedra de sete olhos” representa o microcosmo, que compreende um campo aural sétuplo dotado de sete núcleos de consciência que envolvem o Espírito central. Esta pedra de sete olhos (que é o sistema sétuplo humano) é a pedra que deve tornar-se viva, e depois disto é preciso que esta pedra viva seja introduzida no Templo Universal, que transcende toda e qualquer limitação graças à preciosa Pedra Angular, que é Cristo.

CONSTRUÇÃO SEM BASE AUTÊNTICA

Como este fato é incontestavelmente estabelecido, podemos afirmar que qualquer pessoa que quiser construir, que queira ser um verdadeiro maçom (em francês, maçom = pedreiro, construtor), sem levar em conta esta exigência, acabará fracassando e somente irá obter resultados negativos. Apesar de tudo isto ser um fato confirmado, é algo difícil e, na realidade, há inúmeras tentativas bem intencionadas para edificar uma construção mais ou menos aceitável neste mundo! Nada impede (e os fatos o comprovam) que a preciosa Pedra Angular seja muitas vezes rejeita-

da pelos construtores porque é uma “pedra de tropeço, uma rocha de escândalo”, segundo as palavras de Pedro (Primeira Epístola, 2:8).

Isto é perfeitamente compreensível! O universo se dirige para um objetivo divino: a realização do plano divino para o mundo e para a humanidade. No centro deste plano grandioso está a Pedra Angular: Jesus Cristo. E tudo o que não se comporta em harmonia com esta Pedra Angular entra irremediavelmente em conflito com ela. As palavras de Cristo: “Não vim trazer a paz, mas sim a espada”, (Mateus, 10:34) se justificam plenamente, a partir do momento em que compreendemos que nossa ordem de natureza deve ser rompida, a fim de que o Todo se conforme ao plano de construção original. A franco-maçonaria da Pedra Angular da Rosacruz áurea não visa humanizar o homem decaído, nem a torná-lo religioso; ela professa a idéia que irradia de Cristo: que o homem deve tornar-se uma realidade viva em um campo de vida absolutamente novo, a fim de que ele renasça e se deixe guiar rumo ao Campo de Vida Original.

Talvez estejais perguntando como esta franco-maçonaria se exerce dentro da Rosacruz áurea. Devemos ressaltar, quanto a isto, que a rosa de sete pétalas, ou lótus, somente poderá edificar, na vida presente, sua construção microcós mica sete vezes sétupla, a “pedra de sete olhos”, seguindo o caminho da cruz: por uma regeneração.

Para melhor compreender isto, diremos mais: que a realização deste caminho da cruz deve tornar-se perfeitamente natural, que vai acontecendo por si, e que ele exige:

bondade em relação ao próximo,
comportamento pleno de humanidade,
sentimento de fraternidade e de amor por todos os seus semelhantes.

Catharose de Petri

Manifestação das forças do Espírito no cosmos (The Works of Jacob Boehme, the Teutonic Philosopher, William Law, 1754).

REFLEXÃO SOBRE COISAS ESSENCIAIS E ELEVÇÃO DA ALMA

O “Corpus Hermeticum” refere-se a Hermes Trismegisto, de Pimandro e de Tat. Hermes é representado como o homem celeste, o três vezes grande ou três vezes sublime, ou seja: o homem verdadeiramente liberto que, incontestavelmente, existe e vive em Deus e por Deus.

O homem hermético serve o mundo e a humanidade lutando para libertar-se da matéria. Neste sentido, Hermes é o “Novo Homem”, que abre caminhos totalmente novos. Pimandro é a Sabedoria divina, a Palavra, o Verbo do início. A palavra pimandro significa “pastor, guia de homens”. Em Pimandro se manifesta a estrutura de linhas de força do homem-Hermes, aquele que responde a sua missão original. Pimandro é Deus que se dirige em particular à alma que se elevou à dignidade de seu toque; é a chama que jorra sobre o santuário da cabeça a partir do momento em que Hermes reflete sobre as coisas essenciais e eleva seu coração. Tat é a alma tão purificada que pode receber o toque do Espírito, que impulsiona a unidade da cabeça e do coração. Somente graças a esta unidade Hermes pode refletir sobre as coisas essenciais e elevar seu coração.

Neste primeiro Livro do Corpus Hermeticum, o homem hermético pergunta a Pimandro como a humanidade se encontra em seu estado de decadência:

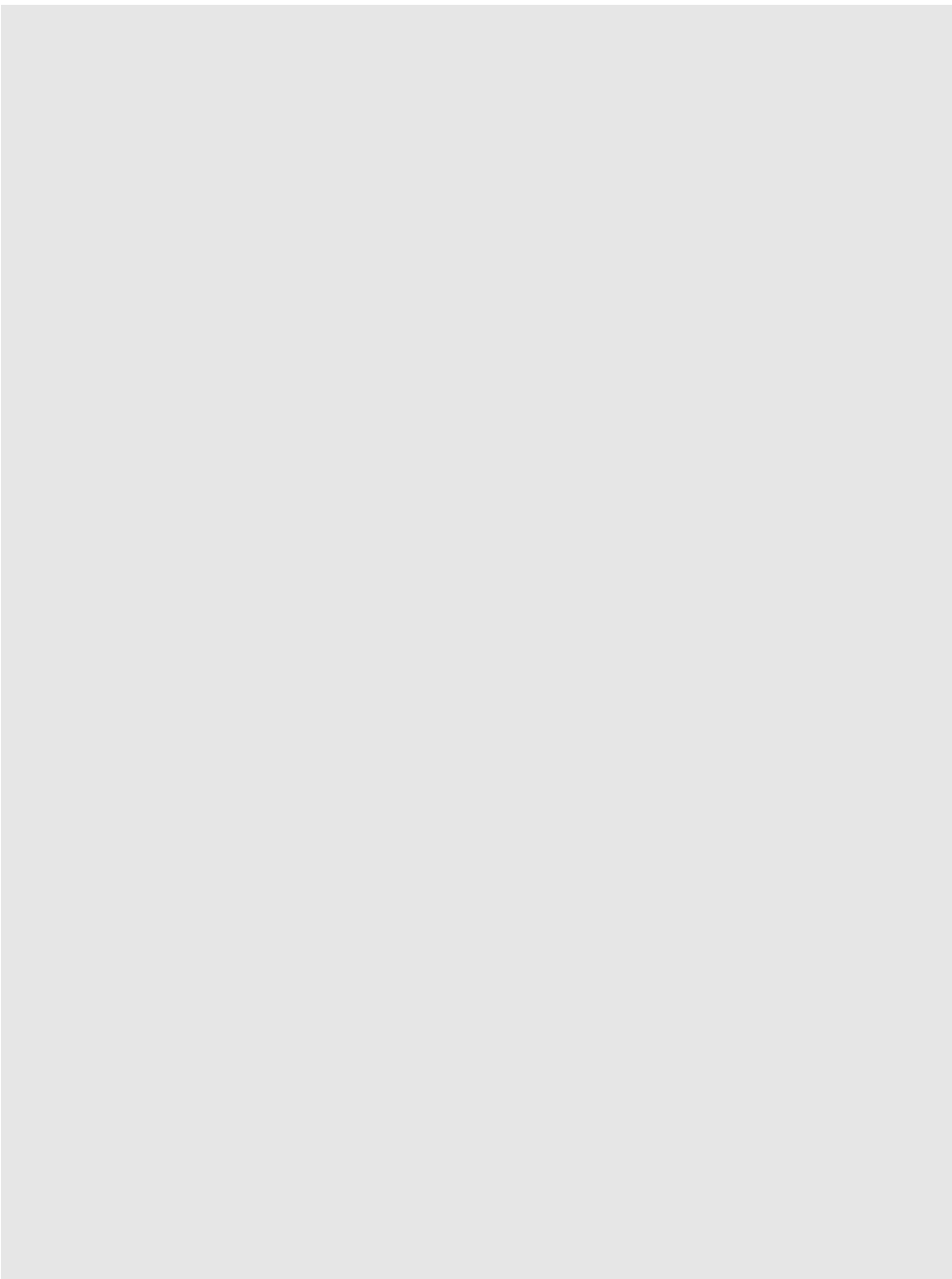
Como se situa a natureza dialética nessa grandiosa manifestação que posso ver por teu intermédio, Pimandro? Que devo pensar a respeito do

Universo dialético? Como caiu o homem celeste na prisão da natureza dialética, degenerando no que agora é? A natureza dialética proveio da Essência original? Por que esta ordem de natureza tornou-se tão má? (Arquignosis Egípcia, Tomo I, p. 52).

Pimandro lhe descreve como a natureza foi formada a partir do belo arquétipo do mundo, e como Deus havia estabelecido um laboratório alquímico imenso em que o homem deveria trabalhar em grandiosos projetos da manifestação universal. Neste campo de trabalho, deveria acontecer uma contínua transformação da matéria, o que também é função do universo dialético. Em sua forma original, o sétimo universo, ou sétima região cósmica, estava em harmonia total com os seis outros campos de criação.

Diz Jan van Rijckenborgh em seus comentários do Corpus Hermeticum: *“Então, foi determinação inicial que todos os elementos submersos, todas as revelações de natureza dialética, devessem permanecer destituídas de razão e que só existisse a matéria. Pois, desde que um elemento, uma matéria, alia-se ao Espírito, nasce um estado quase impossível. Aparece, então, assim diz Pimandro, uma atividade espiritual na matéria e ela, a matéria, estando sujeita a contínua transformação, ingressa com seu prisioneiro, o Espírito, na natureza da morte.*

Isto quer dizer: quando a luminosa centelha, o Espírito, une-se à matéria de maneira imprópria e inexistente, então a matéria e o Espírito fluem um no outro. O Espírito é eterno e imutável, ao passo que a matéria está em contínua trans-



A dança de Shiva (século II. Bronze do museu Guimet, Paris).

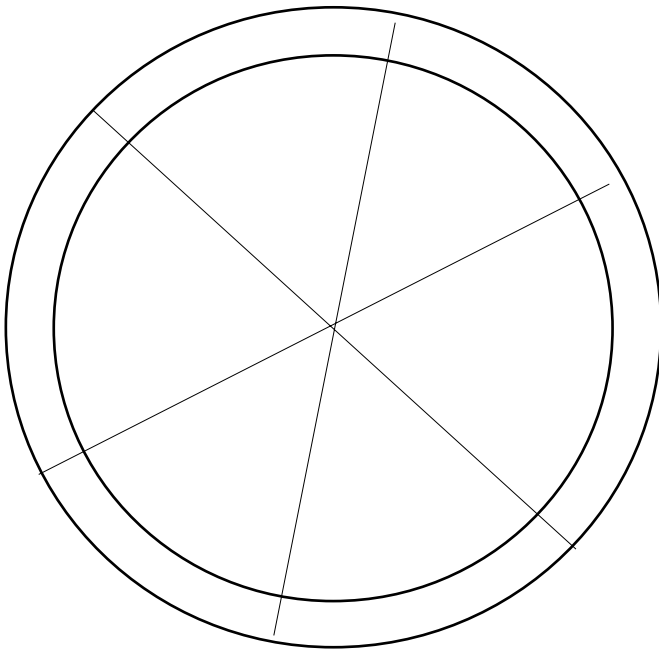
formação, em contínua mutação. Quando ambos se unificam, então a matéria arrasta o Espírito, a luminosa centelha. Desta união, não natural, nasce uma cristalização. A matéria opõe-se e o Espírito procura manter-se. Da ação que parte do Espírito, da Luz, no sentido de permanecer, de continuar, de existir, aparece uma condensação da matéria, uma cristalização, porque tudo agora opõe-se à mutação. Deste modo, a eternidade está aprisionada em uma sucessão de dores”.

(Arquignosis Egípcia, Tomo I, p. 56)

A MATÉRIA ABRAÇA SEU BEM-AMADO

O homem celeste entrou no paraíso da sétima região cósmica degradada. Ele tentou colaborar com as forças diretrizes desta região, mas esqueceu sua missão e se atolou na matéria. A matéria abraçou seu bem-amado e o manteve prisioneiro. Assim, o homem celeste mergulhou no circuito sem fim das dores, onde é preciso aprender por meio de duras experiências.

Aqui, observamos que Pimandro somente se manifesta a Hermes porque



O INFERNO DOS DESEJOS DO CORAÇÃO CORROMPIDO

Estas alegorias continuam sempre atuais: o coração, o ponto de toque da Sabedoria divina, é corrompido a ponto de ser comparado às estrebarias de águias. O coração do homem de hoje é um inferno de desejos que nunca o deixam descansar. Ou são criados e multiplicados por ele mesmo, ou eles são atigados por seu meio ambiente. A publicidade lhe mostra que é estúpido por se privar de tal ou tal produto maravilhoso, por ainda não ter adquirido um certo diploma, por andar com sapatos que já têm mais de um ano, por ainda não ter ganho alguns centavos na Bolsa de Valores. A educação e o ensino lhe mostram como prender-se a isto para se sair bem e determinam suas preferências, suas idéias, suas atividades.

Mas o homem atual percebe agora que está cada vez mais difícil dominar a matéria, que ela se esforça por fugir de sua direção, que a ciência e tudo o que dela decorre conduz a uma luta gigantesca para submetê-la e dirigi-la.

De um lado, os humanos são levados a acumular coisas materiais; de outro, aprendem como dominar esta matéria, e o coração sofre seguindo este ritmo. Seus desejos, aguçados desde a juventude, os obrigam a mergulhar cada vez mais profundamente na matéria, enquanto que os países desenvolvidos e em via de desenvolvimento obrigam os que não desenvolveram estas tendências a fazerem o mesmo.

Assim, o mundo passa pelo fogo e pelo sangue, e cada um luta para impor sua verdade aos outros. E é neste mundo decaído que Hermes, o três vezes sublime, o Novo Homem, fala em *refletir sobre as coisas essenciais da natureza e elevar seu coração!*

A que corresponde isto? Será que é possível ao homem moderno que segue a matéria *refletir sobre as coisas essenciais e elevar seu coração?*

este reflete sobre *as coisas essenciais e eleva seu coração*. É um ponto crucial no retorno do homem celeste aprisionado. De fato, enquanto o ser humano está perdido, continua apaixonado por sua própria imagem e sente prazer em sua própria criação; não sente necessidade de *refletir sobre as coisas essenciais da natureza, nem de elevar seu coração*. Ele deve, então, atravessar um “vale de lágrimas”, para acabar-se dando conta, depois de muitas encarnações micro-cósmicas, de que é “um filho pródigo”, e de que é preciso encontrar o caminho de volta. Esta profunda volta para si mesmo e esta humildade superior, que lhe fazem reconhecer que está perdido, diante de seu Deus interior, abrem-lhe a nova perspectiva do caminho de volta, o caminho pelo qual ele entrará novamente em sua pátria, no centro da manifestação universal.

Na narrativa bíblica, o filho pródigo deve viver no meio de porcos. Na narrativa grega, Hércules deve limpar as estrebarias de águias, o que ele somente pode fazer se esvaziar o rio, para que a corrente de água lave todos os cantos.

Os pólos entre os quais se desenrola a vida do ser humano (Utriusque Cosmi Maioris, Robert Fludd, 1617).

Mas será que nós conseguimos isto? Será que conseguimos *refletir sobre as coisas essenciais* e elevar nosso coração com tranquilidade, sem sermos assaltados por algum desejo, sem nos distrairmos com algum pensamento, sem nos entregarmos a alguma atividade?

MORTE DAS ESTRELAS...

Em um antigo escrito hindu sobre a Criação aparece a seguinte imagem: *“Quando Brama criou o mundo e espalhou sobre ele as centelhas de seu fogo, os ‘deuses contrários’ elaboraram um plano para reter as centelhas divinas, e os deuses assustados viram um monstro de fogo ardente subir até os confins do mundo. Ele elevou milhares de cabeças monstruosas contra a montanha celeste, e de suas milhares de goelas ele fez jorrar línguas de fogo que lamberam a montanha celeste semeada de diamantes faiscantes, de tal modo que as estrelas morreram. Ele avançou sobre o mar batendo nele com suas garras...*

Então, surgiu Shiva, o eterno dançarino. Com a força de seu poder divino, que ele havia acumulado pouco a pouco, de acordo com a lei inabalável estabelecida pelos próprios deuses, ele atacou o monstro. Ele rodeou os limites da terra com seu corpo gigantesco, abriu sua boca, abocanhou o fogo infernal, e apagou-o mastigando-o, e então o engoliu”.

Esta narrativa mostra que as centelhas divinas correm o risco de se perderem no mundo que elas criaram, mas também que elas não estão abandonadas a sua própria sorte, a sua infelicidade. E na região em que as centelhas do Espírito mergulharam na matéria, desenvolve-se a luta entre o divino, imutável, e o humano, que está sempre se transformando.

O homem original era masculino-feminino e gerava a si mesmo. Assim, ele povoou o universo com as sete raças

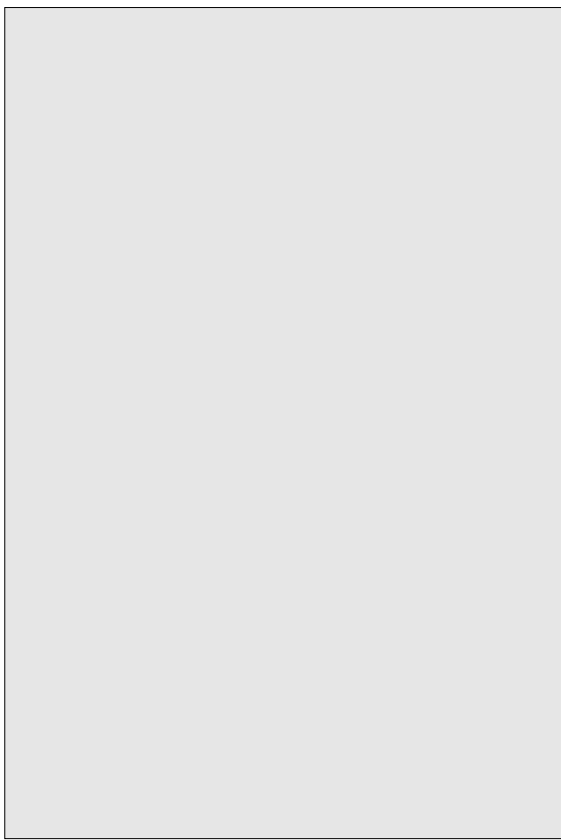
originais sobre as quais se fala na Doutrina Universal. O homem foi ligando-se passo a passo a sua própria criação (na cosmologia de Pimandro este processo de desenvolvimento na matéria durou milhares de anos); depois, houve a separação dos sexos, que é a situação em que nos encontramos ainda hoje.

Ora, quando alguém recusa descer ainda mais na matéria e resolve purificar seus desejos até o extremo, atinge o ponto de toque da força salvadora da Gnosis. O fogo divino vem até ele, o abraça e o livra da prisão da natureza da morte, com a condição de que realmente vá em busca do auxílio divino e que se esforce por si mesmo para escapar às chamas mortais do monstro de fogo dos “deuses contrários”.

FIM DOS DESEJOS PROFANOS

De que modo? Para começar, não se deixando guiar por seus desejos, parando de alimentá-los, neutralizando-os e

A Tábua Esmeraldina, segundo uma descrição do Dr. Bacstroem no livro Original Alchemical Manuscripts (Manly Hall).



Em 1960 Jan van Rijckenborgh publicou pela Rozekruis Pers, em Haarlem, o primeiro tomo da Arquignosis Egípcia e seu chamado no eterno presente, onde ele comenta a sabedoria hermética da Tábua Esmeraldina e do Corpus Hermeticum, de Hermes Trismegisto (a tradução brasileira foi sendo editada entre 1984 e 1991).

finalmente os rejeitando; limpando dentro de si as estrebarias de áugias em que seu coração se transformou e, neste campo de trabalho, purificado, *refletindo sobre as coisas essenciais e elevando seu coração*. Em seus comentários do Livro de Pimandro, Jan van Rijckenborgh diz que a purificação do coração é a própria base de uma renovação total. De fato, se o coração está purificado e já não se alimenta de desejos profanos, esta purificação se projeta no santuário da cabeça. Então, coração e cabeça se fundem em unidade total, necessária para “poder refletir sobre as coisas essenciais e elevar seu coração”, até o momento em que seja possível a cada um encontrar seu próprio Pimandro.

Na manifestação de miríades de formas que a humanidade original criou quando abandonou o reino de Deus, cada criatura, por menor que seja, é dotada da força do Espírito, força que torna possível o retorno ao Espírito. Em cada entidade está oculto o princípio da Luz.

Quem tornar-se consciente de tudo isto e quiser escapar do inferno em que vive e onde se mantém distraído, deve começar purificando seu coração: não para refinar e cultivar seu eu, mas para colocar um ponto final a seus impulsos básicos. Em seguida, vêm seus pensamentos. Se a cabeça e o coração colaborarem, nenhum karma será criado a

partir de então e tudo o que é velho se dissolverá sistematicamente e assim será liberada a força que elabora e constrói a nova base de vida, sobre a qual pode ser edificado o Templo divino que é mencionado pelo Corpus Hermeticum. Somente será possível separar, dentro de seu ser, a luz das trevas, o bem do mal, o Espírito da matéria quando o coração for um santuário purificado, tal como era no início da manifestação da humanidade original.

Este Templo é a morada da centelha de Luz semeada no coração do homem, mas que agora foi engolida pela matéria e está completamente sujeita a ela. Quem purificar seu coração e restabelecer a ligação entre o coração e a cabeça poderá dizer, como Hermes: “*Vi em meu Nous (Alma-Espírito), como a Luz, composta de inumeráveis potências, converteu-se num mundo realmente ilimitado, enquanto o fogo era cercado e dominado por uma força muito poderosa e, assim, posto em equilíbrio*”.

(Arquignosis Egípcia, Tomo I, p. 28)

Quem busca a verdade não se deixa desviar por nada (Tenjin Engi, século XIII, Metropolitan Museum of Art, New York).

NINGUÉM VIU O QUE IA ACONTECER?

No dia 14 de abril de 1912, o majestoso transatlântico inglês "Titanic" chocou-se contra um iceberg e afundou, levando à morte 1.513 pessoas. O naufrágio deste navio "inafundável" inspirou diversos escritores e cineastas. Foi somente em setembro de 1985 que encontraram os destroços e que foi, então, possível reconstituir esta grande catástrofe de forma impressionante. Em consequência disto, um filme tocante acaba de ser realizado, como uma seqüência de imagens que provocam a reflexão dos espectadores...

O Titanic era a jóia da "White Star Line". Com seus 272 metros de comprimento, suas 46.000 toneladas, suas quatro chaminés e suas duas caldeiras, ele era o próprio modelo da força e da potência, o último grito da técnica para sua época. O luxo era extremo. De acordo com os construtores, seus dezesseis compartimentos estanques permitiam mantê-lo na superfície em todos os momentos, mesmo se quatro deles sofressem infiltração de água. No entanto, ele chocou-se contra um iceberg que flutuava a 153 km de Grand Banks, perto de Newfoundland, e cinco compartimentos estanques foram arrebatados. Em três horas, o potente Titanic desaparece. Dos 2.224 passageiros, 711 conseguiram alajar-se em barcos salva-vidas. Os outros morreram afogados dentro dele, na impossibilidade de sair das cabines reservadas à classe econômica, ou morreram de frio na água gelada.

MANTENDO O EU ACIMA DA ÁGUA

A catástrofe do Titanic esclareceu muitas coisas e isto é sempre verdadeiro para nossa sociedade atual: imprevidência, perda do senso de responsabilidade, materiais defeituosos, luta para tomar um lugar à força em um barco salva-vidas, corrupção. O que predomina é a luta para manter o eu fora da água e ter um bom fôlego.

O Titanic representa muito bem sua época: loucos sonhos de grandezas, o reinado da riqueza, a condição deplorável dos pobres (pois os emigrantes eram amontoados nos andares inferiores), estrita separação entre classes, posições, status. Quem tinha dinheiro vivia com largueza para mostrar o mais que podia todas as suas vantagens. O pobre nada tinha a perder e devia lutar para subir a escala social. Hoje, encontramos no mesmo ponto! A sociedade atual também dá a imagem de um luxo considerável ao lado de uma miséria de dar dó.

O naufrágio do Titanic fez com que certos conceitos se mexessem e as coisas começaram a andar de um modo um pouco diferente. Agora, cada navio prevê um lugar para cada passageiro em seus barcos salva-vidas, o rádio funciona permanentemente, e as coordenadas dos icebergs são registradas e transmitidas em âmbito internacional.

As experiências da Segunda Guerra Mundial abriram também a oportunidade de deslocar certas barreiras em certas regiões, principalmente na Europa. Naturalmente, o que ainda funcionava bem não mudou tão rapidamente. Mas as transformações indispensáveis que

resultavam de movimentos sociais, de uma visão mais ampla do futuro, ou de lutas encarniçadas acabaram. Estas transformações aconteceram no passado: hoje em dia já não são possíveis.

O homem moderno está no seu limite. Já não há distâncias. Tudo deve acontecer cada vez mais rapidamente. Pressão, tensão e super tensão! O restabelecimento da situação está voltado unicamente para a saúde “financeira” da empresa, da instituição ou do país. A tensão não pára de aumentar, e a comunicação entre indivíduos diminui à medida que as personalidades estão cada vez mais voltadas para seus próprios interesses. Para perdermos nosso “eu”, podemos, talvez, mergulhar de cabeça na vida social. Ora, isto não traria nenhuma liberdade interior, mas traria como resultado uma espécie de escravidão.

Os países socialmente estruturados já atingiram uma caricatura de igualdade, a ponto de terem programas de partidos políticos muito semelhantes. Mas, na prática, a realidade é outra! E poderíamos dizer: “A distribuição é igual, os pobres têm gelo no inverno, os ricos no verão”. É próprio do homem somente preocupar-se consigo mesmo e esforçar-se para enriquecer, quando pode. Cada um pensa, sente, trabalha dentro de sua própria maneira de ver o mundo, e busca se proteger por todos os lados (somos obrigados!) graças a novas técnicas e a novos dispositivos de segurança.

E se chegasse a hora da grande prova final? Todas estas técnicas de sobrevivência tão sofisticadas poderiam impedir a morte? Qual seria o resultado?

A história do Titanic nos fornece indicações e pontos de comparação. Este

Narciso se apaixona por seu próprio reflexo na matéria (águas-forte de Michel de Marolles, 1655, Quadros do Templo das Musas, Paris).

navio era indestrutível: mas logo todos perceberam que sua construção não era verdadeiramente perfeita. Enquanto a catástrofe acontecia, o orgulho, a estupidez e o desejo de ter razão constituíram muitos obstáculos para a fuga e isto durou até o momento em que todos perceberam claramente que o navio “inafundável” já estava afundando. Os que perceberam isto, tentaram fugir. Uns deixaram que seu destino os guiasse. Mas a maioria brigou por lugares nos barcos salva-vidas, cujo número havia sido limitado para dar mais espaço para a ponte do deck. Havia apenas 1.178 lugares disponíveis ... para os passageiros da classe de luxo!

Os salva-vidas não estavam à altura de sua tarefa e abandonaram seu cargo diante do afluxo de vítimas. E, quando o majestoso navio desapareceu, enquanto 1.500 naufragos esperavam a morte nas águas geladas, um só e único barco salva-vidas (na versão cinematográfica) tentou procurá-los. Os outros, carregados de homens meio paralizados de frio, flutuavam ao sabor das ondas e foram descobertos um pouco mais tarde pelo navio a vapor Carpathia que havia captado o sinal de alarme.

Este único barco salva-vidas é a mais trágica imagem do filme: um marinheiro escuta com atenção a resposta a seus chamados. Somente um homem se esforça para auxiliar seus semelhantes no sofrimento e na morte. Um só homem, enquanto que todos os outros já não sabem o que fazer e não querem arriscar suas vidas. Um só e único barco salva-vidas no meio de 1.500 pessoas prestes a se afogar para salvar algumas vidas nesta desordem espantosa.

Como se apresenta nossa sociedade? Ela é bem estruturada e provida de todas as comodidades, desde o necessário até o supérfluo. Mas, nesta sociedade moderna endurecida surge também um fenômeno evidente: ninguém ousa ajudar ninguém, porque todos

temem por sua própria pele. O homem ou a mulher que se arrisca a isto geralmente é advertido sem piedade. E quem estaria pronto a auxiliar seus semelhantes se, segundo as predições, “o barco da humanidade” logo irá arrebentar-se sobre seu próprio iceberg, logo que descobrimos que ele não é indestrutível?

Há cerca de oitenta anos, algumas horas eram suficientes para aniquilar o próprio símbolo de todas as performances técnicas da época; entretanto, hoje o homem está cada vez mais orgulhoso de seus próprios méritos. Orgulho, pretensão, ostentação, voluptuosidade de exercer o poder constituem inúmeros obstáculos no caminho da vida superior. Apesar de estar aumentando o número de pessoas que se opõem à idéia de que a humanidade é infalível, as autoridades agem como se nada pudesse acontecer. Como no caso do Titanic, há “compartimentos estanques” que devem assegurar uma boa navegação. Como no caso do Titanic, não se saberia prevenir nenhum desastre.

ESFORÇOS INÚTEIS PARA ELEVAR A HUMANIDADE

Sempre houve seres humanos que advertiram seus semelhantes sobre as calamidades futuras que resultam de sua temeridade e de suas concepções errôneas. Muitos tentaram fazê-los mudar de idéia. Se os tempos não estavam maduros, eles falavam a surdos, tudo continuava como antes, e o apelo destes corajosos pioneiros, que sabiam o que aguardava a humanidade, perdia-se ao longe.

Agora que o fim do século XX se aproxima para as sociedades cristãs, está ficando cada vez mais evidente que o poder pelo poder desemboca na negação crescente dos valores humanos e engendra manobras e manipula-

ções que acabarão em um banho de sangue, e não na elevação do homem.

Não estamos mesmo na terra para massacrarmos uns aos outros? Para dominarmos uns aos outros com nosso saber e nosso poder? A educação e o esporte preparam as crianças para lutar uns contra os outros. O que começa com simples exames e concursos acaba na dura posição do EU no campo de batalha da vida cotidiana. Estará aí o nosso futuro? Ser o melhor de todos? Ou será que a felicidade está na união profunda de todas as almas humanas?

A NOVA ALMA ROMPE SEUS LAÇOS

Se a cultura da personalidade somente gera a luta, o objetivo está mal escolhido. As grandes cabeças devotam suas vidas à pesquisa de sistemas para ajudar a humanidade, cada vez mais. Quando a bomba atômica caiu sobre Hiroshima, os adversários do Japão exultaram porque esta destruição total devia fazer nascer a “paz”. Hoje, temos um pouco mais de circunspeção...

Um escolhe o eu impiedoso, geralmente levado pelas circunstâncias; outro, o desenvolvimento de uma alma superior. Um baseia-se na matéria, que é nosso terreno de experiências; o outro, cansado da luta, volta-se para a eternidade, que, nos bastidores de toda esta agitação, espera como uma rocha inabalável aquele que se elevará além deste “vale de lágrimas” que é nossa terra.

Em nossa época está surgindo um novo aspecto: a oferenda consciente do eu ao princípio superior da alma. A alma é um princípio contestado. Há muitas espécies de alma: a alma material, a vegetal, a animal. A alma que habita o ser humano é de origem divina, mas hoje ela está acorrentada ao mundo das experiências do homem-animal. Desde

sua origem divina, ela tornou-se latente e, para muitos, perfeitamente teórica. Para o filósofo, ela é impossível de ser conhecida. Para qualquer outra pessoa, ela pode ser uma idéia digna de riso. Para aqueles que estão percebendo cada vez mais que estão prisioneiros da matéria e que a vida cotidiana é o triste obstáculo que impede que a luz de sua alma brilhe, o chamado da alma é uma realidade cada vez mais clara e manifesta. Presentemente, a alma ainda está cravada na matéria, mas ela se debate cada vez mais violentamente para desligar-se dela. Ela faz sentir sua presença, pois seu tempo chegou, sua libertação está sendo anunciada e somente um eu teimoso e irreduzível pode ainda retardar esta evolução.

“E EIS QUE ESTÁ AQUI QUEM É MAIS DO QUE SALOMÃO”

A história da rainha de Sabá remonta a cerca de mil anos antes de Jesus Cristo. Ela inspirou muitos artistas no decorrer dos séculos, cujas obras estão ligadas a sua época, como por exemplo o vitral da igreja de São João de Gouda.

Uma narrativa detalhada deste encontro aparece no Antigo Testamento, no Livro dos Reis e nas Crônicas. As lendas associam a rainha de Sabá, o rei Salomão e Hiram Abiff, o mestre-construtor. Salomão era conhecido por sua sabedoria e por sua justiça. No Primeiro Livro dos Reis (4: 29 e 34), diz “E Deus deu a Salomão sabedoria, e muitíssimo

entendimento, e largueza de coração, como areia que está na praia do mar.[...] E vinham de todos os povos a ouvir a sabedoria de Salomão, e de todos os reis da terra que tinham ouvido da sua sabedoria”.

Salomão tinha feito o projeto de construir um templo magnífico, e a rainha de Sabá veio a Jerusalem com um séquito numeroso para encontrá-lo e “veio prová-lo por enigmas. [...] E Salomão lhe declarou todas as suas palavras: nenhuma coisa se escondeu ao rei, que não lhe declarasse”. (Primeiro Livro dos Reis, 10:1-3).

Todos os acontecimentos que tratam do encontro de Salomão, da rainha de Sabá e de Hiram, o rei de Tiro, assim como o laço que foi estabelecido entre

estes três personagens têm um grande significado esotérico, tanto para o desenvolvimento espiritual individual quanto para o da humanidade em geral. O Evangelho de Mateus (12:42), sublinha esta importância com estas palavras de Jesus: “A rainha do meio-dia se levantará no dia do juízo com esta geração, e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis que está aqui quem é mais do que Salomão”.

Não precisamos deter-nos em dados históricos, mas sim nesta última frase: “E eis que está aqui quem é mais do que Salomão”, que, sem dúvida, faz alusão ao trabalho cumprido por Hiram, o rei de Tiro. Certas fontes esotéricas aprofundam mais o significado deste

texto que a Bíblia (pois esta lenda foi acrescida a ela) porque a construção do rei Hiram é considerada aqui como uma pedra importante de toda a obra espiritual empreendida em prol da humanidade. Entre outras obras, Hiram havia construído um “mar de bronze”. Segundo os especialistas, este “mar” era uma bacia de bronze com diâmetro de cerca de 5 metros, com uma altura de aproximadamente dois metros e meio. Seu peso, quando vazia era de trinta toneladas e podia conter cerca de 40.000 litros de água. Apesar de inúmeras descrições desta bacia, nenhum vestígio dela jamais foi encontrado.

Hiram tinha preparado cuidadosamente todas as misturas necessárias na fonte deste “mar”, mas seus três com-

Os cruzados transformaram a mesquita que, segundo os judeus, os muçulmanos e os cristãos, foi construída sobre o Santo dos Santos do Templo de Salomão (Chronicle, Hartman Schedel, 1493).

HIRAM ABIFF, O MESTRE-CONSTRUTOR

No livro *O Caminho Universal**, Jan van Rijckenborgh diz o seguinte sobre Hiram Abiff e o Templo de Salomão: Não devemos pensar aqui em um personagem histórico chamado Hiram mas em um irmão construtor que sabia construir um templo. Hiram é o sublime mestre-construtor que sabe expressar o verbo criador. Ele é “animador”, ou, segundo as palavras de Paulo, na Epístola aos Coríntios: “De Alma vivente ele passou a ser Espírito vivificante”. Tal é Hiram, rei de Tyro e de Sidon. (...) Como Hiram alcançou este estado de ser e como tornou-se digno de auxiliar os outros na construção de seus templos? Para compreendermos isto, devemos fixar um momento nossa atenção em uma das narrativas sagradas que tratam deste personagem. Lemos que Hiram é acompanhado por três assassinos que o fazem passar por uma morte tríplice. Aqui também está oculta a morte tríplice segundo a natureza, a que o aluno deve sujeitar-se; a mesma morte do eu de que fala a Rosacruz áurea, e a mesma morte pela endura dos tão injustamente odiados Cátaros.

O primeiro assassino golpeia Hiram com uma régua de 24 polegadas. Às vezes se diz também que o primeiro assassino estrangula Hiram com uma corda de agrimensor de vinte e quatro polegadas. Este símbolo nos indica que Hiram, o aluno, vai desprender-se da natureza e libertar-se do aprisionamento do tempo... A

partir do momento em que o processo chega a este ponto, chega o segundo assassino. Este dá um vigoroso golpe em Hiram com uma esquadria de ferro em forma de cruz. No centro desta cruz, está plantada uma ponta aguda que lhe traspassa o coração. Quando o sangue do coração é tocado, de maneira correta, o aluno, nesta segunda fase, ultrapassa todas as limitações que até então mantinham-no ligado ao tempo. Na Segunda fase, ele adquire, em primeiro lugar, a liberdade, antes de empreender a viagem de volta ao lar. A viagem de regresso não pode iniciar-se se o centro do coração não estiver perfurado e a rosa aberta no santuário do coração. Por conseguinte, a viagem de volta somente termina quando a rosa floresce no santuário do coração.

Quando a rosa irradia sua glória no coração do candidato, vem o terceiro assassino. Ele dá um golpe final e mortal na cabeça, com um martelo em forma de círculo. O símbolo da terceira fase pode ser visto como o círculo da eternidade; o aluno participa da vida original. Hiram, o sublime, constrói o templo e quer auxiliar os outros nesta construção, com um amor infinito.

Jan van Rijckenborgh, *O Caminho Universal*, Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda, edição revista, 1996.

panheiros ainda não estavam completamente prontos; trata-se, simbolicamente, do coração, da cabeça e das mãos. Por isso, no último momento, ele teve oposição, traição. A fonte não pôde ser realizada conforme o previsto, pois a água e o fogo se encontraram em má proporção e a bacia explodiu.

Uma das lendas conta que Hiram tinha recebido os meios de vencer todos os obstáculos, ou seja, um martelo e um triângulo em ouro puro. Ele escondeu o triângulo de ouro em uma fonte, em local seguro, e divulgou que seus inúmeros filhos continuariam sua obra até o final. Também se diz que o triângulo de ouro devia ser guardado no santuário mais interior, e ser mostrado somente a quem compreendesse o sentido profundo desta lenda.

Mas qual é, portanto, o significado desta narração para a humanidade em geral e para o indivíduo, em particular? O que representam Salomão e a rainha de Sabá? Parece possível aprofundarmos um pouco o segredo deles se fizermos a relação entre seus nomes e as fases de desenvolvimento da alma. Seus mantos púrpuras poderiam representar o estado da veste astral. A partir deste ponto de vista, a rainha de Sabá

simbolizaria a busca e Salomão, a compreensão pura da origem e do destino da humanidade. O profundo desejo da Verdade (Sabá) e a pura compreensão da Verdade (Salomão) estão certamente ligados um ao outro. Eles se encontram, e compreendem pouco a pouco sua missão mútua e evoluem um em direção ao outro. Nesta situação, uma terceira força pode ligar-se a esta síntese do

puro desejo e da pura compreensão: a força representada por Hiram, o rei de Tiro, o mestre-construtor capaz de edificar o templo do Novo Homem.

Nos períodos em que a humanidade mergulha na matéria e tem muita dificuldade para se direcionar para a vida superior, se tentar desligar-se da matéria, fica fraca e impotente. Então, muitos buscam um ponto de apoio em coisas perecíveis e direcionam sua consciência unicamente para a vida material, negligenciando, assim, a construção do templo interior do Espírito divino. Eles tentam dar forma a uma ética e a seus sonhos, construindo edifícios que logo são levados pelo tempo. Estão sempre em conflito, assim como suas idéias, seus sentimentos e suas obras, que sofrem contínuos ataques; e, ao mesmo tempo, sempre são impulsiona-

A rainha de Sabá surge diante de Salomão (vitrail da igreja de São João em Gouda, Holanda, por Wouter Crabeth, século XVI).



dos a pensar novamente que a vida deve ter um objetivo mais elevado. Então, aquele que está buscando acaba reconhecendo que seus esforços no plano terrestre não o farão ir muito longe e que não é o “templo do eu” que ele deve construir, mas o Templo do Espírito, que está fora do tempo e do espaço.

É assim que, no decorrer do processo de desenvolvimento da humanidade, chega um momento em que a alma deve dar o grande passo, que consiste em voltar as costas para as limitações do eu para dedicar-se à construção do Templo de Salomão. Trata-se de um processo de desenvolvimento anunciado há muito tempo pelos verdadeiros gnósticos, e realizado no século XX. Impulsionados por um grande sofrimento interior, os homens que aspiram a uma consciência completamente nova (comparável àquela em que Salomão bebeu sua sabedoria legendária) foram-se agrupando, e para eles a construção do templo interior tornou-se a tarefa mais importante de suas vidas.

A cada crise que a humanidade

atravessa, inúmeros são aqueles que chegam ao limite de sua consciência terrestre. É um estado indicado pelo termo “Galiléia” ,no Novo Testamento, ou seja, a região em que a consciência começa a transformar-se. A rainha de Sabá, que nas lendas expressa o desejo de renovação, torna-se, portanto, um personagem que podemos considerar como símbolo do buscador da Verdade no plano espiritual. Neste sentido, é o símbolo da busca da Verdade, que está tomando um grande impulso neste final de século XX.

Quais são as circunstâncias que fazem com que o eu afrouxe os laços que prendem a alma original?+ Como esta pode despertar de seu sono mortal e preparar-se para receber a sabedoria superior?

A Bíblia descreve Sabá como sendo um reino próspero rodeado por um deserto inacessível. Mil anos antes de Cristo, Sabá era um importante cruzamento de várias rotas comerciais que vinham da China, da Índia, do Egito, da Babilônia, da Assíria e de Canaã. Sua capital, Marib, era uma das cidades

O Templo de Salomão, segundo o gravador Mattheew Merian (Amsterdã, 1675).

mais ricas da Arábia antiga. Neste sentido, Sabá é o símbolo que fala de um local em que se encontram diversas culturas, e também onde se encontra uma escola importante.

Nestes tempos modernos tão fugazes, esta imagem pode ser muito esclarecedora. Para muitos, a vida particular é como um local perdido em um deserto, onde se encontram abatidos pelas preocupações, pela aridez espiritual e pelos esforços infrutíferos para atingir o inacessível. Entretanto, alguns não se deixam dominar pelo jugo da vida cotidiana e se voltam para um objetivo superior, a fim de liberar dentro de si a alma real. Logo que se tornam conscientes de sua situação, eles decidem encarar a vida de uma maneira totalmente nova e adotam uma nova atitude, desviando sua consciência das coisas exteriores, ao mesmo tempo em que se aprofundam cada vez mais na fonte da vida interior. Neste processo, o papel mais importante é desempenhado pelo desejo crescente por uma outra vida, gerado por uma sabedoria superior.

Invadida por uma grande inquietude interior, a alma experimenta seu aprisionamento no deserto da vida e pouco a pouco adquire a capacidade de se desligar desta esfera de influência estéril, que é tão degradante para ela. Ela percebe a voz da vida original, reconhece seu chamado e “volta sua face” para ela. Seu desejo profundo a dirige para o caminho do entendimento superior.

Todas as almas, quando chegam à maturidade, são atraídas e elevadas para a união com as almas irmãs, preparadas para este encontro. Quando os buscadores da verdade se encon-

TEMPLO CONSTRUÍDO COM CARVALHO

A realeza clássica de que os mistérios nos falam pereceu muito antes de nossa era e não tem, por conseguinte, nenhum sentido discorrer ainda mais sobre isto. Desejamos porém dirigir vossa atenção para o fato de que todo o verdadeiro sacerdote e iniciado da antiguidade foi, na linguagem dos mistérios, indicado e comparado a uma árvore. Sabendo disto, podemos retornar imediatamente a nosso ponto de partida e entender Hermes, quando ele diz que Deus é uno em essência com o candidato nele despertado e que a este candidato ele se dirige, entre outras coisas, por intermédio de carvalhos: o termo velado que indicava os iniciados da Fraternidade Universal.

Com isto, entramos imediatamente em terreno bíblico, pois pensai tão somente nos cedros do Líbano, os cedros com cuja madeira, segundo o mito, o templo de Salomão deveria ser construído. Esse templo nunca foi destruído! Ele nunca existiu na Jerusalém conhecida pela geografia, pois o templo de Salomão é um dos verdadeiros templos vivos do campo divino da vida, construído e mantido por árvores viventes, por meio dos homens-almas viventes em Deus.

A Arquinosia Egípcia, Tomo IV, Jan van Rijckenborgh, p. 132, 1ª edição brasileira, 1991, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil.

O faraó indica o lugar em que deve ficar o novo templo, segundo os dados cósmicos (templo de Edfou, no Egito).

tram desta forma, percebem que, mesmo que seus caminhos tenham sido muito diferentes nos detalhes, eles seguiram a mesma via principal. No ponto de encontro, eles podem reunir-se em grupo, o que reforça seu desejo fundamental. Eles procuram ter uma imagem clara da criação da qual eles fazem parte, assim como todos os seus irmãos humanos. Suas almas, se eles forem realmente libertados, conhecerão profundamente a sabedoria que não é deste mundo. O Antigo Testamento fala, a este respeito, da sabedoria dos julgamentos de Salomão.

O coração que já se tornou receptivo (Sabá) encontra a compreensão iluminada da cabeça (Salomão) em cada buscador da Verdade, e, a partir deste encontro, constrói-se um novo mundo. Cabeça e coração, prestes a realizar a grande obra, aprendem a colaborar har-

moniosamente para a construção do templo. Mas, a todo o momento, Salomão deve continuar consciente de que ele nada pode por suas próprias forças; o mesmo vale para o coração, a rainha de Sabá. É preciso que eles mantenham total humildade para poder servir a humanidade.

Portanto, é importante que o buscador da Verdade se aprofunde no aspecto espiritual de sua vida, e vá-se importando cada vez menos com seus impulsos dialéticos. Boa vontade e resoluções sublimes não são suficientes: é preciso agir, libertar sua alma das correntes do ego e orientar-se a partir da força que age além dos poderes humanos. O rei Hiram simboliza esta força: é o construtor que dá sua forma ao templo do Espírito.

A ALIANÇA ENTRE HIRAM E SALOMÃO

É preciso que Salomão, o mestre de obras, aprenda que deve deixar que o executante Hiram trabalhe, incondicionalmente, a fim de obter um bom resultado, pois Hiram conhece o plano e as exigências da construção. Esta colaboração faz nascer uma relação harmoniosa entre a natureza divina original e a natureza terrestre degradada, o que explica as palavras: “E eis que está aqui quem é mais do que Salomão”.

Toda a alma buscadora acaba encontrando a luz, desde que seja perseverante: é o bálsamo que lhe é ofertado quando ela segue o caminho de libertação. No final de sua procura, ela recebe o toque do Espírito. Sua aspiração pelo trabalho interior se desperta: é um desejo depurado e purificado enquanto se faz a construção do templo interior; é um desejo que se libera graças à experiência dos limites do desejo terrestre. De fato, é possível ultrapassar estes limites renunciando-se a tudo o que é inferior, assim como

Salomão (961-922 a.C.), rei de Israel, é mencionado na literatura judia e islâmica como o maior sábio que já existiu. A ele são atribuídos, especialmente, o livro bíblico dos Provérbios, o Cântico dos Cânticos, o Eclesiastes, Sabedoria, Salmos e as Odes, apesar de não terem sido escritos na mesma época. Pesquisas recentes mostraram que as Odes foram redigidas muitos séculos depois da morte de Salomão e seriam de inspiração gnóstica cristã. Também se acreditava que Salomão tinha poder sobre os espíritos dos mundos invisíveis. Com a ajuda de Hiram, ele construiu em sete anos um templo como nunca se havia visto. A crônica etiópica que trata de Salomão e de sua descendência, o *Kebrá Nagast* (*A Glória dos Reis*), relata em detalhes a visita da rainha de Sabá a Salomão. O Dr. E. A. Wallis Budge, no livro *The Queen of Sheba and her Only Son Menyelek* (1922), diz: “O *Kebrá Nagast* reúne uma série de lendas tradicionais: algumas são históricas, outras puramente folclóricas. Elas vêm do Antigo Testamento, de escritos hebraicos mais tardios, de fontes egípcias (pagãs e cristãs), árabes e etiópicas. Sobre a origem, a composição, o autor e os que arranjaram este

texto mais tarde, nada se sabe. A forma mais antiga mostra, entretanto, uma certa semelhança com tradições sírias, palestinas, árabes e egípcias que remontam aos quatro primeiros séculos da era cristã... O primeiro texto em língua etíope data do século VI”.

A Bíblia mostra Hiram, rei de Tiro, como o mestre-construtor do Templo de Salomão, que ele decorou magnificamente, segundo o Livro dos Reis, capítulo 8. Hiram surge nas lendas esotéricas como Hiram Abiff, o construtor do templo místico em que se encontra o mar de bronze, ou mar de vidro.

A rainha de Sabá, ou Seba, reinou na época de Salomão em uma região que corresponde ao atual Iemen. Até cerca de 115 a.C. este foi um dos mais poderosos estados do Sul da Arábia.

a seu próprio ego.

Quando os que buscam seriamente a Verdade se encontram em um campo preparado para seu trabalho, eles chegam com suas naturezas dialéticas, e também com suas boas intenções e suas ambições, que geralmente ainda são totalmente egocêntricas. É através destes obstáculos que é preciso liberar as forças e os valores presentes em princípio. Se as influências viessem a dominar, a construção do templo interior e o coroamento da obra iriam tornar-se impossíveis: a fonte do mar de bronze não poderia ser realizada. O ser aural,

que mantém o eu sob seu jugo, tenta, secretamente, de maneira profundamente refinada, imitar o rei Hiram, construindo um templo segundo suas próprias idéias, fazendo, principalmente, entrar em jogo o ciúme, a inveja e a ambição. Estes sentimentos são os que mais retardam o processo de libertação, pois os materiais fornecidos pelos pensamentos, sentimentos e comportamentos do eu não podem ser utilizados para construir o templo do Espírito. Todo o candidato que se encontra no caminho espiritual deve tomar consciência destes três traidores dos quais ninguém

está livre, pois, quando não pode tornar-se o mestre, o eu escuta com bom grado os bons conselhos que são o eco de seus críticos secretos.

Hiram possui o Espírito de Deus: ele serve à esfera divina, e portanto é inatacável. Ele moldou o mar de bronze dentro de si mesmo e por isso pode dirigir interiormente o grupo que aspira ao mesmo objetivo; mas, na fase preparatória, as forças naturais dominantes podem arruinar, aniquilar a atividade do princípio superior. Então, a palavra do mestre se retira e a construção do templo se perde. Somente quando a antiga natureza mortal se apagar inteiramente é que o entendimento superior pode tomar seu lugar para garantir a construção do templo. As narrativas que dizem respeito a Prometeu, Hércules, Mitra, Osíris e muitos outros mencionam os obstáculos enviados pela antiga natureza. Estes “traidores” tentam desviar a força renovadora para oferecê-la à antiga natureza, anulando, assim, a atividade do Espírito divino. Entretanto, a luz triunfa! Assim é o mistério do “Sol Invictus”, o sol espiritual invencível, que cada um deve seguir um dia e sobre o qual deve dar testemunho.

É dito que o mistério da terra traiu a fusão harmoniosa da água Viva da alma e do Fogo puro do Espírito. Sob a influência de três companheiros indignos, a alma fica turva e não pode receber de maneira correta o Espírito puro, o Fogo puro. A fonte do mar de bronze fracassa por falta de bons materiais, os materiais vivos.

O MAR DE BRONZE SIMBOLIZA TAMBÉM PUNTO MAIS ALTO DA PIRÂMIDE

Da fusão espiritual da água pura e do Fogo puro se forma o campo de vibrações superior, o campo sagrado, a pedra do ponto mais alto da pirâmide. Todas as comunidades espirituais que aspiram a este objetivo elevado devem realizar, na hora certa, um campo de vibrações perfeitamente puro de tal modo que as forças do campo de vida original possam aí se derramar sem obstáculos. É por isso que um campo de vibrações como este será sempre protegido por trabalhadores vigilantes, de acordo com as leis simples do triângulo de ouro de Hiram, o Trigonum Igneum, onde todos os elementos estão em perfeito equilíbrio, o que significa:

1. um aprofundamento cada vez maior do plano pela pura compreensão recebida;
2. o devotamento a este plano, em amor, pela auto-rendição;
3. a execução do plano, baseada em um comportamento puro, segundo a lei interior.

No ser que aspira à renovação, o conhecimento, o amor e o comportamento são, portanto, os componentes do triângulo equilátero.

ENCONTRO COM O ESPÍRITO DIVINO ATRAVÉS DA NATUREZA*

Constatamos que nosso domínio de vida é temporal, pois estamos aqui somente de passagem. Por isso, o homem deve aprender que sua vocação é trilhar o caminho rumo à vida superior, em direção à vida do reino imutável. Eis por que o homem deve libertar-se de seu cativo.

A fim de tornar possível nosso ingresso no reino imutável, Cristo penetra nosso domínio de vida. Ele permite que a lei superior brilhe diante de nossa consciência a fim de que possamos receber, nessa luz, as diretrizes necessárias à orientação. Portanto, Cristo explora para nós, primeiramente, um caminho.

Em seguida, a humanidade, incidentalmente aprisionada nesta ordem de natureza, deve ser demolida segundo a natureza. Ela deve vigiar, sofrer e lutar constantemente, durante esse processo de demolição, não segundo a natureza superior, mas em concordância com a lei inferior à qual pertence.

Esta lei deve também ser cumprida, dinamizada e acelerada, pois é a única possibilidade de libertação futura. Esta é a verdade do trabalho de libertação. O homem não é retirado desta natureza, pois isto é impossível. Ele é conduzido através desta natureza, através da realização da lei da natureza. Assim, ele se prepara para entrar na terceira fase de libertação: a verdadeira nova vida.

Na primeira fase, Cristo é o homem divino, que desce no charco da perdição, o ser radiante sem pecado que da esfera serena do reino imutável vem para nos revelar o caminho, para estabelecê-lo e confirmá-lo por meio de

seu sacrifício de sangue.

Na segunda fase, Cristo é o realista, que, de acordo com a lei, persegue a humanidade através do lodaçal de suas paixões e com isto a purifica e torna-a madura para assimilar a substância divina da vida.

E na terceira fase, Cristo é o caminho e, por isso, a própria vida.

A livre-maçonaria mística dos rosacruzes está perfeitamente sintonizada com este realismo trifásico. Por isso encontramos a mística Rosacruz no caminho! Por isso encontramos a Rosacruz áurea realista no processo da verdade, segundo a lei. Por isso, também, encontramos os hierofantes da Rosacruz na senda da verdadeira vida.

Em conclusão, compreendi esta mensagem como sendo a diretriz central na vida de um servidor da Rosacruz: amar a humanidade não é protegê-la contra a lei da natureza, mas é uma prova de amor libertador, impeli-la através da natureza, porque é mediante a natureza que encontramos o Espírito!"

* Texto extraído do livro O Caminho Universal, de Jan van Rijkenborgh e Catharose de Petri, páginas 88-90, 1ª edição brasileira, 1984, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil.

“FICA EM SILÊNCIO E COMPREENDERÁS”

“Gostaria de renunciar a este mundo e abrir totalmente meu coração, a fim de descobrir se existe um outro mundo que possui uma verdade mais elevada”

As linhas acima foram tiradas de um canto flamenco tradicional da Andaluzia, região do Sul da Espanha. Seu conteúdo sempre atual não é tão surpreendente se pensarmos que geralmente os ciganos não tinham a vida fácil.

O mesmo acontece com o resto da humanidade, nos tempos modernos tão elogiados, enquanto uma onda de sofrimentos e confusão se derrama em profusão sobre ela. Inúmeros são aqueles que buscam desesperadamente uma resposta para todas as perguntas sobre a criação, o Criador e o lugar do homem na criação.

Em debates no rádio e na televisão, no decorrer de entrevistas e reportagens, na imprensa, nos congressos científicos e filosóficos, sempre são abordadas as mesmas questões, mas é como se ninguém quisesse ouvir ou aceitar a resposta!

Indo ao encontro deste turbilhão atordoante de interpretações e opiniões, gostaríamos de apresentar algumas palavras de duas personalidades excepcionais do século XX: o poeta indiano Rabindranath Tagore (1861-1841) e seu pai, Devendranath Tagore, considerado santo na Índia.

Um cético perguntou a Devendranath Tagore:

“Sempre falas de Deus, mas tens provas de sua existência?”

Devendranath apontou para uma luz:

“Sabes o que é isto?”

“É uma luz”, respondeu o cético.

“Como sabes que é uma luz?”, perguntou Devendranath.

“Eu a vejo”, respondeu o homem, “portanto, não há necessidade de prova.”

“Então”, respondeu o sábio, “o mesmo se dá com a existência de Deus. Eu o vejo em mim, e fora de mim, eu o vejo dentro e através de cada coisa. Portanto, não há necessidade de prova.”

E continuou: “Enquanto a abelha se encontra no exterior das pétalas do lírio e não experimentou ainda a doçura de seu suco, ela plana em volta da flor e emite um zumbido. Mas, logo que ela penetra em seu interior, ela bebe silenciosamente o néctar. Quando alguém ainda estiver discutindo e especulando sobre uma doutrina e os dogmas religiosos, é por que ainda não experimentou o néctar da verdadeira fé.

Por isso, faz silêncio e compreende-rás! Onde o Espírito Eterno vem com sua Luz, nossa lâmpada terrestre já não é necessária. Pobres homens que crêem que as miseráveis lâmpadas do intelecto humano dão mais luz que o doce cintilar das estrelas divinas!

PRIMAZIA DO AUTOCONHECIMENTO

“Conhece tua alma: põe para trabalhar dentro de ti o grande princípio da unidade que está em cada pessoa. Se aprendermos a conhecer nossa verdadeira alma, aprenderemos a conhecer a parte verdadeira de nosso ser, que tem

O flamenco é uma espécie de canto e dança ciganos. Originário da Índia, esta arte popular viu-se misturada, no decorrer dos séculos, com influências mouriscas, andaluzas e, principalmente, européias. Somente no século XIX o flamenco foi reconhecido em diversos lugares.

uma estreita afinidade com o Universo. Quem quiser adquirir o conhecimento de Deus e do mundo deve, antes de tudo, aprender a conhecer a si mesmo.

Deus se oferece a nós em seu Amor inconcebível. Portanto, que tua alma flameje como um fogo diante dele; que ela corra como um riacho até ele; deixa-te penetrar por sua essência como as flores se deixam penetrar pelo perfume.

Que o obreiro no Universo faça ressoar a corda de sua energia universal, como o vento da primavera sopra jubilo- so como a tempestade. Que ela ressoe sobre os vastos campos da vida huma- na trazendo consigo o perfume das flo- res; que ela umideça nossas almas res- secadas, a fim de que nosso amor ter- restre acabe desejando lutar para se elevar totalmente até o Amor universal”.

A nostalgia do coração que se expressa no canto flamenco dos ciga- nos espanhóis se encontra, idêntica, em um dos poemas de Rabindranath Tagore:

*“Meu coração aspira dia e noite
A Ti e ao encontro
Que será como a morte
Que tudo consuma.
Varre-me como a tempestade,
Toma tudo o que tenho,
Penetra meu sono
Desordena meus sonhos...
Priva-me de meu mundo.
E neste deserto,
Nesta nudez absoluta
Do Espírito, que eu me una a tua mag-
nificência.
Ah, que vaidade, um voto como este!
Onde reside esta esperança de união
Senão em ti, ó meu Deus?”*

Não há, nas palavras destes dois autênticos buscadores de Deus, nenhu- ma erudição inútil, nenhum alarde de informação supérflua. Elas dão testemu- nho de um coração ardente, de uma alma sedenta e de uma intensa aspira- ção de realizar uma vida pura.

Quem esvaziou até a última gota a taça do sofrimento, quem já está farto do mundo e de sua confusão desesperada pode libertar-se deste turbilhão de sabedoria fingida e de aparente erudi- ção. Uma voz dá testemunho, em seu foro íntimo:

Quero abandonar este mundo (e por- tanto a mim mesmo). Quero abrir meu coração totalmente, a fim de descobrir se existe um outro mundo, o mundo da Verdade vivente!

O QUE OS ROSA-CRUZES ENTENDEM POR...

Alma-Espírito: quando a alma original é despertada e começa a crescer, ela pode atingir o ponto em que viverá em total harmonia com o Espírito divino. Esta ligação faz dela uma alma-espírito; e o Espírito divino se manifesta através desta alma imortal.

Arqueus: éter nervoso, fluido nervoso ou força astral que é atraída para dentro do sistema vital humano por meio da glândula pineal, em perfeita conformidade com sua natureza.

Astral: a esfera astral da terra é a região onde tomam forma os pensamentos e os sentimentos. O desenvolvimento secular destas “imagens” fez nascer uma poluição astral que, por interação entre este domínio e a esfera material cai novamente sobre a terra. No homem, estas influências astrais se fazem sentir fortemente no sangue, na consciência, no sistema nervoso automático e mental.

Aura: o campo de irradiação que envolve o ser humano e onde se inscrevem seus pensamentos, seus sentimentos e suas ações.

Céu: um céu é um campo de atração que se forma ao redor de uma criação. A esfera terrestre vive graças a um céu como este. Os três mistérios do qual fala a Escola Espiritual trata dos três céus ou campos que envolvem a nova terra.

Corpo mental: é o quarto corpo do homem, onde deve desenvolver-se o mental. Geralmente, este corpo mental está começando a se desenvolver, a se estruturar; e o homem “pensa” combi-

nando as idéias estereotipadas que lhe inculcaram. O pensamento gnóstico autêntico somente pode crescer se o antigo poder mental, purificado, já não é dirigido pela natureza dialética.

Dialética (natureza): o mundo dos opostos que se geram mutuamente. Trata-se da unidade que explodiu e de onde surgiram dois pólos. Entre estes dois pólos (bem e mal, luz e trevas) os seres humanos oscilam até encontrar o caminho da unidade.

Dualismo: dois princípios opostos um ao outro, mas que emanam um do outro. Por exemplo: o corpo e o espírito, a consciência e o ser, a matéria e a forma. Do ponto de vista gnóstico, muitas oposições dualistas não são pólos opostos.

Endura: conceito de origem cátera que trata do processo resumido por estas palavras: “É necessário que ele cresça e que eu diminua” (João, 3: 30). Este processo deve reduzir ao mínimo a esfera de influência do eu a fim de que a Alma possa ser liberada, como alicerce do Novo Homem imortal. A endura é, portanto, um comportamento que permite romper conscientemente com tudo o que, por outro lado, reforça o eu em circunstâncias comuns. O caminho da endura é o caminho da supressão do eu.

Inferno: não é a região onde se encontra o homem “mau” depois de sua morte, mas sim a região que a humanidade criou para si mesma e onde sua vida se desenrola. Este inferno se encontra tanto nas regiões

visíveis quanto invisíveis da terra.

Eternidade: este termo é freqüentemente associado à imortalidade. Neste sentido, ele se refere a este estado em que já não há opostos e onde o espaço e o tempo já não desempenham seu papel. Assim, a eternidade é ilimitada e atemporal.

átomo-Centelha-do-Espírito: princípio central fundamental do microcosmo onde está inteiramente inscrito o plano divino. A centelha do Espírito é considerada o último vestígio do homem espiritual original. A purificação e o restabelecimento do microcosmo podem reacender esta centelha a fim de que ela se manifeste em seguida como princípio central do homem original.

Hermetismo: filosofia que veio dos ensinamentos da antiga Sabedoria egípcia de Hermes Trismegisto. A origem da filosofia hermética ainda não foi determinada.

Natureza original: região que a humanidade abandonou para seguir seu próprio caminho. Por ocasião desta “queda”, ela desceu na matéria e mergulhou na região do espaço e do tempo. O ser humano guarda a lembrança da natureza original no princípio central de seu ser, e é isto que o impulsiona a buscar o caminho de volta.

Natureza da morte: região das ilusões, dos opostos, do nascimento, do crescimento e da morte. A esta região pertence também o local onde ficam os mortos, o além. É no interior da natureza da morte que o homem viven-

cia suas experiências, que vão formando pouco a pouco sua consciência. Quando esta consciência atinge seus limites, uma outra vivificação entra em jogo. Vista sob a luz da realidade gnóstica superior, a “vida” na natureza da morte não passa de uma caricatura de vida (ver Natureza original).

Santuário da cabeça: originalmente, era a sede do Espírito divino. O mental voltado para o eu fez com que o Espírito se tornasse inativo. Quando os santuários do coração e da cabeça purificados agem em harmonia, então se abre o caminho de transfiguração.

SOFRIMENTO DA CONSCIÊNCIA FRAGMENTADA

Há dois campos de vida. Em um deles mora o homem em seu estado decaído; em outro, expressam-se a perfeição e a essência divina da vida eterna. Estes dois campos coexistem no tempo e no espaço, aqui e agora. Mas o eu não pode ultrapassar o limite que os separa: o acesso ao campo da eternidade é reservado à alma imortal, que deve nascer no homem que sofre e que deve alimentar a fonte da luz eterna.

Quando perguntaram a Jesus se ele era realmente o Cristo, ele respondeu: “Já vo-lo tenho dito. e não o credes. As

obras que eu faço em nome de meu Pai, estas testificam de mim. Mas vós não credes porque não sois das minhas ovelhas, como já vo-lo tenho dito. As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; e eu dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai. Eu e o Pai somos um”. (João, 10: 25-30).

No texto do Evangelho de João, a Vontade toda-poderosa do Pai é manifestada pelo Filho, Cristo, que é a Luz onipresente, a Sabedoria divina e o Espírito Santo. Quem reconhece as obras desta Luz reconhece as obras do Pai. Quem obedece a Vontade toda-

e acabou-se

etem o céu, o
osmi Historia,

poderosa e caminha no Amor e na Luz é um aluno da Luz. Em seu coração purificado, ele ouve então a voz de Cristo que tenta recuperá-lo como a ovelha desgarrada, rumo à unidade de tudo o que é. “O Pai e eu somos um.”

ROMPIMENTO ENTRE A CONSCIÊNCIA E A UNIDADE UNIVERSAL

A consciência fragmentada não conhece a unidade de Cristo e do Pai, nem Cristo como Sol espiritual, nem Cristo dentro de seu próprio coração. É por isso que a consciência fragmentada busca uma prova e pergunta a Jesus se ele é realmente o Cristo. Mas a resposta dele não a satisfaz.

Quem chega aos limites da consciência fragmentada e vivencia a luz da nova consciência sabe que ultrapassou os limites antigos e pode entrar em um processo de desenvolvimento totalmente novo. Muito se escreveu e se filosofou sobre este assunto. No entanto, o tempo das descrições e especulações está consumado. As condições de vida sobre a terra mudam rapidamente. A densificação da matéria atingiu um limite e coloca a humanidade diante da necessidade de uma consciência inteiramente nova. A luz crística deve nascer no homem e rasgar as nuvens do egocentrismo. O princípio fundamental no homem, Cristo, deve-se unir ao Espírito. O eu (a alma imortal), e o Pai (Espírito original) devem novamente tornar-se um. Então o Espírito irá comunicar-se com a alma que se tornou receptiva, o Espírito divino irá manifestar-se por meio da alma imortal e o ser humano entrará no processo de transfiguração e o conduzirá ao bom fim.

Quando a alma e o Espírito se fundem em unidade e a pessoa começa a dar testemunho disto, ela é atacada por aqueles que não têm nem vontade nem capacidade para libertar a alma mortal, e portanto não podem reconhecer o

Espírito. Para eles, este novo estado de vida interior não passa de uma teoria que não pode ser demonstrada. Então, eles pegam as pedras da vida terrestre para tentar aniquilar a luz. Pode-se considerar a pedra como símbolo de uma densificação e de um extremo endurecimento interior. Quem quiser captar a luz com seu eu duro como pedra, sentirá que caminha diante de grotescos conflitos. Durante a Segunda Guerra Mundial, alguns prisioneiros de um campo de concentração se reuniram para acusar a Deus pela miséria em que se encontravam. No final do processo contra seu Criador, eles o declaram culpado; depois, eles começaram a rezar para fazer com que Deus se arrependesse!...

É claro que isto é absurdo! Mas também é sinal de que o homem não percebe que na verdade ele está denunciando sua própria criação e suplicando a si mesmo para tudo mesmo.

Como está preso à ilusão a este ponto, ele projeta sua ignorância em seu próprio firmamento microcósmico. Seus pensamentos formam nuvens que acabam obscurecendo sua consciência até se encontrar na obscuridade total para a escolha que ele deve fazer: ou escapar rumo à luz, ou mergulhar em suas ilusões. Se ele não encontrar a saída, a dualidade, a desarmonia será impulsionada dentro dele até o paroxismo, sua consciência irá fracionando-se cada vez mais, e, como um animal ferido, ele começará a resistir àquele que o quer salvar. Em sua escuridão, seu medo e sua angústia, ele se opõe ao salvador. No entanto, o animal ferido percebe que seu salvador é digno de confiança e se rende, enquanto que o homem ferido em seu coração entra em luta e arma seu intelecto, argumentando para se conservar a todo o custo tal como ele é. Então ele pega as pedras para apedrejar a luz.

DUALISMO E CONSCIÊNCIA FRAGMENTADA

Rei Amenotep IV, conhecido como Akhenaton. Escultura em uma coluna do Templo de Aton, em Karnak (Museu do Cairo).

O dualismo aproxima-se da filosofia própria do budismo, da antiga religião egípcia, dos ensinamentos de Zaratustra e Mani, das filosofias de Pitágoras e Platão, da filosofia neoplatônica, de Basílio e Valentino, ambos membros da escola de Alexandria. Esta doutrina é tão antiga quanto a consciência fragmentada e explica a realidade da vida por meio de dois elementos contrários. Do lado oposto encontra-se o monismo: Deus e a criação são apenas um. Em si, o dualismo e o monismo são dois sistemas contrários.

Fraternidades como a dos Paulicianos, Priscilianos, Cátaros e Bogomilos baseavam suas crenças no pensamento dualista. Para eles, existiam dois campos de vida: a ordem divina perfeita e o reino do mundo onde vive o homem decaído. A Escola da Rosacruz áurea, centrada em Cristo, fala de uma “ordem de socorro” para indicar que a região na qual o homem decaído vive é apenas temporária. No momento em que sua queda se transforma em elevação espiritual, a ordem de socorro vai sendo destruída pouco a pouco.

Há muitas discussões entre dualistas e monistas, mas a Verdade não precisa ser discutida: ela está bem viva, apesar das opiniões e especulações dos teólogos. Ela é como a branca flor de lótus que se eleva da lama para, assim, imaculada, mostrar sua glória.

Muitos partidários do dualismo restringiam sua doutrina aos pólos opostos que existem no interior da vida humana. Na Doutrina Universal, o dualismo e o monismo coexistem. O dualismo é, então, considerado como sendo dialético: bem e mal, luz e trevas, vida e morte; ou então dá a imagem das duas ordens de natureza: o reino da luz e o das trevas. Estes dois reinos não se misturam, como, por exemplo, o bem e o mal dialéticos.

SÍMBOLOS DOS CONFLITOS INTERIORES

Palavras e conceitos como “Maia” (ilusão), Arhiman (poderes das trevas no antigo sistema persa), Seth (deus egípcio da noite e do mal), Satã (pólo oposto do divino) são a tradução do funcionamento interior da consciência fragmentada. Para quem vive no mundo de Maia, é impossível alcançar o Nirvana; para quem se entrega a Arhiman, é impossível receber a Luz; para quem se inclina diante das forças de Satã, é impossível encontrar o Cristo dentro de si mesmo; para quem se deixa arrastar pelas ondas do oceano dialético, é impossível encontrar o ponto de toque do divino dentro de seu próprio coração.

FILOSOFIA: PONTE TEMPORÁRIA RUMO À VERDADE

Muitos filósofos e fraternidades que ensinavam o dualismo como preparação do caminho interior que conduz ao Reino divino falavam aos alunos mais adiantados sobre a unidade de toda a criação. É por isso que não podemos dizer que um destes dois sistemas (dualismo ou monismo) esteja errado. Eles podem constituir uma ponte para a alma que busca seu Criador. No momento em que a alma aprende a fazer a distinção entre um deus criado por ela mesma e o Criador do universo, ela encontra a Verdade que está em toda a parte e é sempre a mesma.

Uma filosofia digna deste nome deve somente servir para estabelecer contato entre o divino e a alma vivente. A partir deste contato, desta ligação com a luz, a alma vivente prossegue seu caminho e recebe a Verdade que está destinada a ela a fim de obter uma nova consciência restabelecida e santificada.

O ser humano faz parte da ordem de socorro que se manifesta em cada um de nós, seja sob a forma da harmonia perfeita da natureza, seja sob a forma de um grande conflito entre a natureza terrestre e a alma originalmente divina.

Separação e fragmentação são próprios do homem e, para reencontrar a unidade, ele deve ultrapassar as oposições e alçar-se até a Verdade.

Muitos dos grandes iniciados pronunciaram um “Sermão da Montanha”, a fim de dar diretrizes que permitissem à alma atingir o ponto mais alto ou reencontrar-se com o Espírito. Eles faziam isto de acordo com o conhecimento interior que tinham da unidade de suas almas com a Fonte original de vida.

Falar sobre uma “montanha” significa falar com consciência de viver as palavras: “o Pai e eu somos um”. Esta consciência não tem nenhuma relação com a consciência fragmentada: ela sente que por toda a parte, no mundo dos contrários, o alento do Tudo-em-Um está presente. Aqui e agora.

A doutrina do filósofo grego Heráclito (cerca de 500 anos antes de Cristo) não nasceu de especulações sem fim, mas de uma experiência interior, o que provocou incompreensão e por isso ele foi qualificado de “obscuro”. Heráclito via a unidade na multiplicidade da criação. Para ele, a dualidade não existia: tudo era uno em sua consciência. O mundo do devir era, para ele, apenas uma aparência enganosa, um véu que encobria a Verdade e a Realidade da Vida eterna.

Segundo ele, o homem se encontra em um riacho. Quem se agarra às margens não vai para a frente, mas quem se deixa levar pela correnteza eterna da Vida renovadora jamais segue em frente no mesmo riacho. Para Deus, o velho não existe, pois o que é velho pertence ao passado e o passado pertence ao tempo. Tudo passa, nada fica. “Panta rhei”.

NA FRENTE DE SEU TEMPO

A vida da forma passa. A corrente interior da vida real nasce da Fonte sem

fonte, da Causa sem causa, da Luz que emana das trevas. Nada fica (o nada que é aquilo que não é). A realidade é sempre diferente daquilo que imaginamos: ela não depende de pensamentos nem de opiniões humanas. Heráclito aprofundava-se no mistério da forma e do tempo que, para ele, eram dados fictícios e relativos, ilusão. Com esta compreensão, ele antecipava Einstein.

Por detrás da vida da forma temporária corre a unidade da Vida original, fonte única, perpétua, luminosa, que não pára de afluir e de preencher. Tudo em todos. A unidade se manifesta na multiplicidade. A consciência desviada vê apenas a multiplicidade. Heráclito via que a energia original incomensurável penetra e alimenta tudo em todos. Esta energia divina domina toda a criação: ela é o centro dela, mesmo sem ter um centro próprio, e harmoniza em si mesma todas as oposições. A Gnosis não conhece a dualidade. O que se manifesta no grande está presente no que é pequeno. “O que está embaixo é

Rei Amenotep IV, conhecido como Akhenaton. Escultura em uma coluna do Templo de Aton, em Karnak (Museu do Cairo).

como o que está em cima”, diz o axioma hermético. “Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, saciedade e fome”, diz Heráclito.

Este filósofo grego introduziu o termo “dialética” no pensamento ocidental. Este termo foi utilizado por Hegel, Spencer, Nietzsche, Darwin, Marx e muitos outros. Mas, o que Heráclito ensinava nem sempre era aceito. Como os gnósticos, ele não se limitava às restrições e limitações do dualismo. Quem a elas se limita cai inevitavelmente no abismo de suas próprias contradições. É sem dúvida, por isso que o filósofo “obscuro” dizia: “Por mais longe que vos aprofundeis e por qualquer caminho que sigais, não encontrareis o limite da alma de tanto que este limite é profundo”.

Se estudarmos a filosofia dualista como uma doutrina, negligenciaremos o coração. Ora, este poderoso centro contém a chave que permite neutralizar todas as contradições! Se quisermos conhecer nosso ser mais profundo, Deus em nós, é preciso parar de pensar “com a cabeça” para pensar “com o coração”. Quando a luz entra no coração, todos os problemas vão-se resolvendo aos poucos. Não se trata de um novo método para ter sucesso, elaborado por um filósofo especializado, nem de uma nova doutrina, mas do novo pensamento que emana da nova consciência, pois a religião do coração, “inflamada pelo Espírito divino”, abre a prisão na qual estão aprisionadas as almas humanas. E é assim que ela nos interpela de uma maneira tão particular, nestes tempos modernos e anárquicos, em que muitos percebem que a solução para seus sofrimentos se encontra no centro divino oculto no fundo deles mesmos. *Alquimia* (gnóstica): processo de transformação espiritual que prepara a alma para um desenvolvimento superior.

SOBRE A FELICIDADE

Fizeram esta pergunta aos alunos de um colégio: “Será que alguém pode ser feliz se não tiver oportunidade?” A expressão dos rostos marca espanto, incredulidade. Finalmente, uma jovem responde: “Tudo depende da visão de vida que esta pessoa tem. Se ela possui alguma coisa mais importante a seus olhos do que uma simples felicidade comum, ela pode ser feliz, apesar de tudo”.

Que força é esta que dá a um ser a liberdade de se elevar para além da infelicidade exterior ou interior e de vivenciá-la como felicidade? O poeta e filósofo alemão Schiller (1759-1805) diz em seu tratado Sobre o Sublime que o

sentimento de estar acima de algo traz uma mistura de alegria e de tristeza. A partir da “combinação destes dois sentimentos contraditórios”, ele deduz que o homem é dotado de duas naturezas opostas. Quando uma pessoa consegue elevar-se acima de uma determinada situação, seu espírito, na maior parte do tempo, se bem menos de suas percepções sensoriais. Segundo Schiller, as leis da natureza não prendem forçosamente o homem, pois ele possui dentro de si mesmo um princípio autônomo, independente das experiências dos sentidos. Ele chega à conclusão de que o homem está submetido como um escravo à violência dos sentimentos.

Quem se desprende da influência dos sentidos experimenta um estado de elevação infinita, enquanto que, governado por eles, ele ficaria profundamente abatido nas mesmas circunstâncias.

O astrólogo mede e calcula as influências que determinam a vida (Giulio Campagnola, 1569, New York Public Library).

Através de influências sempre cambiantes do mundo exterior e de reações da sensibilidade, é possível descobrir que carregamos em nós um princípio espiritual e que assim se abre o caminho da liberdade interior. E esta compreensão conduz à descoberta da verdadeira felicidade. Em princípio, esta verdadeira felicidade está presente em cada um e nenhum golpe de sorte pode suprimi-la. Esta fonte de felicidade, o núcleo da alma imortal, deve ser despertada para a vida e pode dirigir o eu daquele que a experimenta conscientemente, de tal modo que assim dispõe de um instrumento capaz de neutralizar os efeitos do destino.

O TERRENO EM QUE CRESCEM AS DECEPÇÕES

De fato, ele vê agora a origem das preocupações, das misérias e os laços que o acorrentaram tão dolorosamente, e ele pode reconduzi-los a seu justo valor, sem preconceitos nem emotividade. Ele vê, então, a insignificância deles ao lado do grande objetivo que ele visa. Ele descobre também que muitas vezes foi o artesão de sua própria personalidade, mesmo quando se considerava vítima. Logo que este fato for reconhecido, ele se libertará da idéia obsessiva de que “é sempre culpa dos outros”.

JÁ NÃO RAZÃO DE SER DA ASTROLOGIA

Graças a esta percepção, quem busca obtém uma visão clara e objetiva do estado de sua vida. Vê as forças opostas da vida, suas ações recíprocas, e agora percebe como agir positivamente, ou seja, de modo autolibertador, para rasgar esta teia de aranha. Já não terá necessidade de pedir à astrologia que lhe forneça argumentos pró ou contra, pois ele percebe que a vida lhe traz tudo

de que tem necessidade para seguir em seu caminho espiritual. Iria parecer-lhe absurdo ir buscar uma outra coisa em outro lugar. Depois de ter chegado a este ponto em sua vida, somente terá que dizer adeus, com reconhecimento e grande humildade a todas estas experiências que até então foram mestras severas.

Quando a pessoa pode olhar sua vida a partir deste ponto de vista, ela se dá conta de toda a energia que empregou para conservar sua infelicidade. Se ela tivesse servido para ultrapassá-la realmente, a pessoa teria conseguido aproximar-se mais rapidamente do objetivo espiritual. No momento em que o buscador for liberado do sofrimento, ele pode entregar-se a uma atividade inteligente e criadora proveniente da região da Vida original. Ele se põe a serviço das idéias e das forças que vão contribuir para o desenvolvimento espiritual do mundo e da humanidade. Então, a felicidade se torna sua propriedade.

RETIFICAÇÃO

Pentagrama 1-1998, p. 26, Sutton:

O Centro de Sutton fica a 100 km de Montreal, perto da fronteira de Vermont, e não perto do Lago Ontário.

Oh, como eu sonhava com coisas impossíveis!
(William Blake, 1757-1827),
British Museum, Londres).

